

A REBELDIA E O ADOLESCER

Danielle Belo Lamarca

Freud (1905) traça uma diferença entre puberdade e adolescência, em que a primeira tem relação com a maturidade de um complexo aparelho reprodutor, enquanto que a segunda, se refere ao ato psíquico, bem-sucedido, que separa o sujeito do Outro. Segundo o autor, um dia, de repente, o sujeito é surpreendido com as secreções deste aparelho: No caso dos meninos, com a polução noturna e nas meninas, a menarca. Com isso, há um Real em jogo do qual o sujeito precisa se a ver, pois mesmo diante de toda educação sexual que este pode ter tido acesso, ainda assim, existe algo que se presentifica na forma de um não-dito. Além disso, não há como escapar da bomba hormonal que estimula o corpo em direção ao ato sexual. Eis então, um novo encontro com o Real do sexo. Este encontro desencadeia um despertar edípico, mas que desta vez, o sujeito pode pôr em ato o seu desejo. Porém, devido as exigências culturais, não pode fazê-lo.

A sexualidade humana se apresenta de forma complexa, não ditada por uma anatomia, desta forma, exige de cada sujeito uma construção singular que aponta para o seu desejo. Lacan (1956) afirma que o homem tende a uma satisfação do desejo ou do gozo. Ao tender a satisfação do desejo, se encontra emaranhado em seus significantes e quando inclinado ao gozo, esbarra na própria proibição em ser humano, sujeito falante. No estádio do espelho, o autor desenvolve o que, em sua teoria, pode ser considerado o Ideal do Eu, que se refere a primeira fase do complexo de Édipo em que o bebê humano percebe sua imagem refletida no espelho. Esta *Gestalt* fornece ao bebê, uma imagem antecipada, que ainda não se trata de uma imagem ideal. Entretanto, o *infante* ao se identificar com essa imagem, acaba por se anular. Neste caso, o sintoma neurótico se revela como uma abertura possível para um desejo próprio. Isto é, somente quando esta identificação, deixa de ser puramente imaginária e alienante, que o sujeito pode buscar nas equivalências simbólicas o seu desejo.

Na base da estrutura neurótica, o sujeito sabe da castração do Outro e, por isso, ele teme. No tipo clínico da neurose obsessiva, o que é temido é que o Outro lhe roube o sopro da vida, enquanto que na histeria, o temor gira entorno do Outro sucumbir à castração. Por isso, na estratégia histérica, mesmo que esta questione o mestre, arruma um jeito de apoiá-lo. Segundo Freud (1924) o complexo de castração se desenvolve a partir da observação da criança de que existem alguns humanos que não tem um

determinado órgão, enquanto que outra parte o tem. Diante disso, se o sujeito é um pequeno varão, seu atravessamento edípico estará apoiado no temor da castração, caso seja uma menina, possivelmente tecerá uma fantasia em torno do motivo pelo qual possa ter o perdido, ou ainda, acusar a mãe por não lhe ter dado. Este é o caminho para a identificação do sujeito humano na partilha dos sexos.

Lacan (1956) associa a castração primitiva ao momento em que a criança se aliena ao engodo da imagem, na tentativa de satisfazer o que não pode ser satisfeito, isto é, o desejo materno. A dialética simbólica do falo organiza a diferença sexual. Nas meninas, há uma ausência simbólica do falo, porém, sua função se mantém, por isso, pode se apresentar de maneira nostálgica. Segundo Freud (1923) é a castração que inaugura o Édipo feminino enquanto leva o do menino ao naufrágio. Lacan (1959-1960) afirma que o desejo essencial é o desejo incestuoso que situa a relação inconsciente com das Ding. Desta forma, como o desejo não pode ser realizado, o sujeito se mantém nesta relação de repetição que aponta para o desejo de um reencontro. Em outras palavras, a análise leva o sujeito a revisitar esses caminhos nunca antes explorados, por isso, a impossibilidade do trabalho analítico, pois algumas experiências são inalcançáveis.

Neste ponto, a aproximação entre o gozo feminino e a criação se instaura neste ponto de vácuo em que também, se localiza a sublimação, já que emana de algo barrado que é da ordem de uma simbolização primitiva, de um vacúolo que se situa entre os significantes. Quanto ao objeto perdido, ainda estamos na esfera objetual, pois o que é verdadeiramente inacessível é da ordem de das Ding, por isso, o objeto sexual pode ser um objeto de poesia. O objeto da pulsão tem como principal característica sua variabilidade, o que demarca a impossibilidade de um objeto satisfazer completamente a pulsão. Diante disso, Lacan (1964) no circuito pulsional localiza o objeto α como o objeto que aponta para uma ausência e que engendra o funcionamento repetitivo do circuito pulsional.

Doravante, o pensamento Lacaniano confere a este objeto o significante “placenta”, que é uma parte de si mesmo que o sujeito abandona ao nascer. Trata-se da perda que o sujeito sexual sofre. Segundo Freud, o recalque não permite o retorno à cena primordial onde, supostamente, se localiza uma plena satisfação mesmo que alucinada. Desta forma, só resta ao organismo caminhar para frente, mesmo que este objetivo nunca seja alcançado. Na obra freudiana, desde o “Projeto” (1895) o espírito de

das Ding paira sob o ar, inclusive, no texto “Além do Princípio do Prazer” (1920) em que o conceito de inércia coaduna com a tendência do aparelho psíquico em retornar ao estágio inicial de esvaziamento. Porém, neste trilhamento, o sujeito pode percorrer caminhos que lhe suscitam dor e sensações desprazerosas, o que indica que por este caminho, o neurônio perdido não pode ser encontrado.

Inclusive, Freud (1895) afirma que este objeto pode ser outro ser humano que carregue traços deste objeto hostil. Esta aproximação é feita através de um gesto, voz, entre outros. Para Lacan (1959-1960), a patologia das pacientes de Freud é que provocou o seu estudo sobre o mal-estar que extrapola a lógica do Princípio do Prazer. A ação específica tratada por Freud corresponde à incessante busca deste reencontro com o objeto perdido. Ademais, é na relação com esse das Ding que o sujeito irá construir sua fantasia, seja ela histérica ou obsessiva. Desta forma, a Coisa pode ser o que orchestra toda sua criação fantasística que gira de significante em significante. Freud (1985) se refere a das Ding como tudo aquilo que escapa a simbolização, ao qual o humano de maneira patética, tenta se manter distante. Por isso, não podemos reduzir o Édipo ao seu aspecto simbólico.

Para Lacan (1954), a própria ressignificação de uma palavra em análise é da ordem de uma criação, já que, através dela, o sujeito recria a sua realidade psíquica. Ademais, o autor traça a mesma relação entre tempo e desejo, que estão entremeados na produção artística como a experiência analítica. É a partir disso que podemos conceber o mesmo valor a palavra do analista à palavra antiga. Freud (1906) afirma que os artistas são sujeitos comuns que se nutrem de matérias da própria mente, às quais não temos acesso devido à censura moral. Por isso, a importância do deciframento dos elementos que se encontram de maneira distorcida nos sonhos e na arte. Lacan (1972-1973) faz uma analogia entre a teia que sai do ventre da aranha e o texto que surge a partir de um ponto opaco e estranho. Isto é, a escrita revela, através de seus traços, do desenho da letra, mesmo diante de seus limites e impasses que aludem, o recalque que se presentifica no simbólico.

Desta forma, não existe verdade plena, e sim, um semi-dizer com ares de confissão. Em seguida, o autor afirma que a mulher é a verdade e, por isso, também só podemos sem -dizê-la. Da mesma forma ocorre com o objeto α , que evidencia um desejo que não pode ser totalmente satisfeito, e nos aponta para a impossibilidade da

relação sexual, já que o sujeito se apresenta α -sexuado. A mulher se apresenta ao homem como objeto α , isto é, o homem cria a mulher. Desta forma, a proposta analítica não é da ordem de somente um recriar, e sim, da possibilidade de lidar com a verdade. Os artistas se arriscam e se utilizam de uma liberdade linguageira que foi conquistada ao longo do tempo, principalmente a partir do século XX. Segundo Lacan (1998), a estrutura da linguagem precede ao sujeito, diante disso, cabe ao sujeito escolher se será servo da linguagem, deste mundo que já lhe é dado - inclusive, através do nome próprio - ou se subverte a partir da criação da significação.

O conceito freudiano sobre a Coisa repousa sobre a noção de uma perda, a qual os significantes tentam recobrir. Neste caso, se transformam em cartas, poesias, performances e qualquer outro ato criativo. O sujeito, ao ir de encontro com o Real, que marca um desencontro, também possibilita que o sujeito crie sua arte. Isto é, Freud localiza o lugar do analista com o lugar de exílio, de objeto α , ao passo que Lacan (1967-1968) adiciona a importância do ato revolucionário do analista que implica em um novo desejo, já que a interpretação do analista leva o sujeito a mudar a rota da repetição para percorrer por outros caminhos. Isto ocorre devido à nova articulação entre os significantes. Em outras palavras, a arte neste lugar que circunda das Ding, que tece uma relação com o gozo feminino, que aponta para o além, assim como a Psicanálise, a grande feminina, revela a sua função de evocar no sujeito aquilo que é da ordem de um não-dito, que desvela a sua íntima criação, isto é, sua construção autoral, seja ela por meio da fantasia, do delírio, até mesmo, do fetiche.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S (1895) “Projeto para uma psicologia científica” in FREUD, S. Ed, Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago;

FREUD. (1905) “Tres ensayos de Teoría sexual”. Trad. Jose L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1994 (Volumen 7);

_____. (1906) “Delírios e sonhos na Gradiva de Jesen” in FREUD, S. Ed, Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago;

_____. (1923). “O eu e o isso” in FREUD, S. Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago;

_____. (1925). “Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatômica entre los sexos”. Trad. Jose L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorroutu, 1994 (Volumen 19);

_____. (1959-1960). O seminário, livro 7: A ética da Psicanálise. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor;

_____. (1962-1963) O Seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar;

_____. (1972-1973). O seminário, livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor;

_____. (1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina in: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;

_____. (1998). A metáfora do sujeito in: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor;